

A contribuição dos brasilianistas estrangeiros para a historiografia de Minas Gerais

Marshall C. Eakin
Vanderbilt University

Este ensaio tem por tema “A Contribuição dos Brasilianistas Estrangeiros para a Historiografia de Minas Gerais,” um tema que conheço pessoalmente como um brasilianista estrangeiro. Minha análise será duplamente estranha – ou seja, a perspectiva de um estrangeiro examinando os estrangeiros que estudam Minas Gerais. Obviamente, como um estrangeiro com muitos anos observando os povos e países da América Latina, penso que as observações de estrangeiros podem ter valor e utilidade para os que estão sendo observados. Sempre gosto de destacar que o observador mais astucioso da vida norte-americana era o francês, Alexis de Tocqueville, que ainda hoje continua com a melhor análise da cultura política estadunidense dos dois últimos séculos. Igualmente óbvio é que os brasileiros/mineiros (você) ultimamente são os que decidem se as observações dos estrangeiros têm valor para entender a realidade daqui.

Mas antes de seguir temos que falar brevemente sobre uma questão de definição – o que é um brasilianista estrangeiro? Primeiramente, não são os brasileiros que estudaram no estrangeiro que escreveram teses nas universidades americanas ou européias e voltaram para o Brasil para fazer carreira. Amílcar e Roberto Martins (ou Luis Aureliano Gama de Andrade e Sérgio Birchal) são brasileiros que escreveram sobre o Brasil enquanto estavam no estrangeiro, mas

não são brasilianistas estrangeiros.¹ Mais problemático ainda são os estrangeiros que vieram ao Brasil e acabaram ficando aqui. Incluo suas importantes e valiosas contribuições na minha bibliografia, mas eu os considero (e eles mesmos provavelmente se consideram) parte da comunidade acadêmica brasileira e não estrangeiros no mesmo sentido dos muitos outros que vou discutir aqui. (Temos dois distintos exemplos aqui no seminário: David Fleischer e Douglas Libby.)

Minha maneira de dissecar dois séculos da literatura de brasilianistas estrangeiros é através de um tipo de metáfora - vejo as gerações de brasilianistas como ondas que passam pelo "mar" mineiro. A primeira onda passou sobre Minas no século XIX, principalmente no meio-século, depois da abertura dos portos brasileiros em 1808. Uma segunda, e forte, onda atravessou Minas no século XX, principalmente após 1970. Com a primeira onda vieram principalmente os ingleses, franceses e alemães que eram viajantes com interesses científicos e econômicos. Com a segunda onda chegaram os americanos e uma pequena quantidade de europeus (principalmente ingleses e franceses). Alguns avisos importantes antes de começar minha avaliação. Não pretendo ser compreensivo. Espero dar uma visão sintética e analítica que vai deixar de lado vários brasilianistas estrangeiros, nenhum dos mais importantes, espero. Peço desculpas se o seu brasilianista predileto não aparecer na minha resenha.

¹ Sérgio de Oliveira Birchal, *Entrepreneurship in Nineteenth-Century Brazil: The Formation of a Business Environment* (New York: St. Martin's Press, 1999); Luis Aureliano Gama de Andrade, "Technocracy and Development: The Case of Minas Gerais," Ph.D. Diss., University of Michigan, 1980; Roberto Borges Martins, "Growing in Silence: The Slave Economy of Nineteenth-Century Minas Gerais, Brazil," Ph.D. Diss., Vanderbilt University, 1980; Amílcar Vianna Martins Filho. "The White Collar Republic: Patronage and Interest Representation in Minas Gerais, Brazil, 1889-1930," Ph.D. Diss., University of Illinois, 1987.

I. Ondas de Brazilianistas Estrangeiros

De uma certa maneira os primeiros brazilianistas estrangeiros foram os portugueses e outros europeus que passaram pelo Brasil durante a Colônia. A famosa *Carta* de Pero Vaz de Caminha, os escritos de Hans Staden e a *História* de Jean de Léry nos oferecem os pensamentos, às vezes muito perspicazes sobre o Brasil desde o ponto de vista de um “professor acadêmico” estrangeiro. O muito louvado Antonil, segundo esta linha de pensamento, seria então o primeiro brazilianista estrangeiro notável que fez uma contribuição importante à historiografia de Minas Gerais.² O famoso padre jesuíta iniciou uma grande tradição que continua no século XIX—observações sobre todos os aspectos da vida política, econômica, social e cultural de Minas por estrangeiros astutos atraídos à região principalmente pelas riquezas minerais. Ele é o primeiro grande viajante estrangeiro que revela a vida mineira ao mundo do Atlântico Norte. As memórias, relatórios e “informações” dos portugueses e outros europeus do século XVIII hoje em dia são fontes imprescindíveis para os historiadores de Minas Gerais. Os trabalhos dos portugueses e brasileiros do oitocentos mineiro, não obstante, são de um gênero e estilo bem distinto dos chamados brazilianistas do XIX e XX. Na “idade de ouro”, os processos de colonização e conquista produzem uma sociedade em fluxo constante, onde “brasileiro” (ou “mineiro”) e “estrangeiro” são termos anacrônicos. No “mundo atlântico” do XVIII, o conceito da “identidade nacional” não tinha as ressonâncias que terá nos séculos XIX e XX. Conseqüentemente, depois de ressaltar que a contribuição de brazilianistas estrangeiros realmente começou justamente com a

² Para uma revisão mais completa dos “brazilianistas estrangeiros” da Colônia, veja José Honório Rodrigues, “A Historiografia de Minas Gerais,” em *História da história do Brasil. 1a. Parte. Historiografia colonial*. 2a ed. (São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979), Capítulo II.

criação e formação das Minas Gerais vou deixar os “coloniais” de lado para concentrar minha análise nos brasilianistas depois de 1808.

II. Primeira Onda: Os Viajantes do Século XIX

A chegada da família real e a abertura dos portos em 1808 estimulam a primeira grande onda de brasilianistas estrangeiros em Minas Gerais. Nas próximas décadas, ingleses, franceses, suíços, alemães (ou mais bem, viajantes falando a língua alemã), alguns americanos e europeus, entram no Brasil e escrevem dezenas de livros de viajantes (“travel accounts”) para uma crescente burguesia na Europa e nos Estados Unidos. O século XIX foi a grande época do viajante cosmopolita que passa pelas regiões “exóticas” do mundo e relata em grande detalhe suas observações para as audiências da classe média com uma sede, aparentemente sem fim, de informações sobre os “Outros” do mundo não europeu.³ A abertura da América Portuguesa (e Espanhola) nas primeiras décadas do século XIX criou uma verdadeira indústria de viajantes e de livros que durou mais de meio século em Minas Gerais. Cientistas, naturalistas, comerciantes e aventureiros desembarcaram em Minas e vasculharam quase todos os cantos da província imperial. Hoje em dia, suas narrativas são indispensáveis para os historiadores de Minas Gerais. Mawe, Saint-Hilaire, Pohl, Burton – são nomes que ressoam para todos estudiosos do XIX mineiro.⁴ Bibliográfica,” *Minas Gerais (Suplemento Literário)*, 10 outubro 1970, 11-12.

³ Mary Louis Pratt, *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation* (London: Routledge, 1992).

⁴ Hélio Gravatá, “Viajantes Estrangeiros em Minas Gerais, 1809 a 1955: Contribuição

O comerciante inglês John Mawe (1764-1829) inicia o ciclo de brasilianistas estrangeiros no século XIX. Representante dos comerciantes ingleses, ansiosos de entrar nos “mercados emergentes” do período, Mawe faz uma revisão minuciosa e detalhada com o olho de um mestre de pedras preciosas. Suas descrições dos processos de mineração são as mais influentes e duradouras de toda sua extensa narrativa. Ainda que sejam retratos de processos do começo do século XIX e de décadas depois do auge da Idade de Ouro, quase todas as histórias do século XVIII se baseiam nas descrições detalhadas de Mawe quando falam de processos de mineração seja o clássico livro de C.R. Boxer (1969) ou de A.J.R. Russell-Wood (1987). Sempre me fascinou o fato de que a mais citada descrição da mineração oitocentista vem de um inglês na segunda década do XIX. Mawe foi o primeiro viajante importante atraído a Minas pelas riquezas da terra, mas com certeza ele não foi o último. Muitos outros seguiram seus passos.

O grande sucessor de Mawe tem que ser Sir Richard Burton (1821-1890), talvez o mais famoso (notório?) viajante inglês do século XIX. Poliglota, libertino, soldado, diplomata, aventureiro, tradutor do *Kama Sutra*, as lendárias *Mil e uma noites* e *Camões*, Burton veio ao Brasil em 1866 depois das suas aventuras extraordinárias na África e no Oriente Médio. Ele simplesmente não estava feliz no Brasil e falou dos seus “dezoito meses tediosos” como cônsul britânico em Santos.⁵ Todos os biógrafos de Burton concordam que *Explorations of the Highlands of the Brazil* fica entre os menos distintos livros da sua vasta obra. A verdade é que a sua narrativa não tem um brilho especial e muitas vezes têm o tom de um relatório de

⁵ Richard Francis Burton, *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*, trad. David Jardim Junior (Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1976), 35.

um funcionário diplomático desconhecido. Apesar destas falhas o livro de Burton é uma das mais detalhadas e perspicazes narrativas do Império. Claramente o leitor tem que ser cuidadoso com todas essas narrativas sensíveis aos preconceitos imperiais dos viajantes europeus, mas Burton descreve em grande detalhe todos os aspectos da escravidão, mão-de-obra, recursos minerais, preços, paisagens e muito mais. Como os relatórios dos cônsules ingleses nos portos do litoral brasileiro, a obra de Burton oferece aos historiadores incríveis detalhes sobre a vida mineira, especialmente a escravidão, em meados do século XIX. É uma lástima que ele não tenha gostado do Brasil!

Mawe e Burton são apenas dois dos brasilianistas estrangeiros mais importantes do XIX e são fundamentais para o estudo da província. Outros como George Gardner, Johan Emanuel Pohl, o Conde de Suzannet, Georg Freyreiss e J. J. von Tschudi também fizeram contribuições importantes para o nosso conhecimento de Minas imperial. O outro saliente destes viajantes é o francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), o sábio botânico que percorreu quase todo o Brasil em busca das plantas e classificou milhares de espécies até então desconhecidas. Seus vários livros, como os de Mawe e Burton, revelam detalhes sobre a vida e a paisagem de Minas nos momentos da separação de Portugal. Como a maioria desta onda de estrangeiros, Saint-Hilaire veio ao Brasil não como alguém em busca de um profundo entendimento do Brasil ou de Minas Gerais, mas de passagem numa carreira científica ou comercial. Na maioria destes casos os historiadores de hoje em dia utilizam os livros dos viajantes para extrair observações sobre a vida do período, ou seja, “dados”. As narrativas oferecem uma visão dos preconceitos e da mentalidade dos estrangeiros das metrópoles (os observadores),

mas os livros são menos úteis para perceber a mentalidade e os valores dos “observados”. Muitos destes viajantes desprezam o Brasil. Observando o crescente número de mulatos no Brasil o alemão Freyreiss falou de “pessoas defeituosas e fracas. falsas, desconfiadas e vingativas.”⁶

Um grupo de destaque especial nesta onda são os franceses associados com a famosa Escola de Minas de Ouro Preto.⁷ Os engenheiros Henri Gorceix, Paul Ferrand, M. A. de Bovet, Arthur Thiré e Rodolphe Jacob produziram no final do século XIX e no começo do século XX algumas das mais importantes publicações sobre a economia e indústria de Minas daquele tempo. Como os naturalistas da primeira metade do século, os engenheiros franceses examinaram Minas com os olhos metódicos da ciência para fins utilitários. Duvido que eles em algum momento considerem seus escritos como contribuições às ciências humanas! Como historiador da vida econômica e industrial de Minas, sou eternamente grato a esses engenheiros franceses por seus livros e artigos sobre Minas. Em particular, não posso imaginar um estudo da história econômica de Minas Gerais entre 1875 e 1925 sem *L'or de Minas Geraes* (de Ferrand) nem *Minas Geraes no século XX* (de Jacob).

Antes de terminar minha análise desta primeira onda me sinto obrigado a mencionar o trabalho belíssimo de Marianne North (1830-1890) para introduzir pelo menos uma mulher e uma artista neste grupo. Se não me engano, acho que North foi, até recentemente, uma das menos conhecidas de todos os viajantes do XIX em

⁶ Georg Wilhelm Freyreiss, *Viagem ao interior do Brasil*, trad. A. Löfgren (Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1982), 52.

⁷ José Murilo de Carvalho, *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória* (São Paulo: Ed. Nacional, 1978).

Minas Gerais.⁸ Neta de um primeiro ministro inglês, solteira toda a vida, North saiu da Inglaterra em 1871 (depois da morte do pai) para uma vida como pintora botânica. Entre 1871 e 1885 North visitou a América do Norte, o Canadá, a Jamaica, o Brasil, o Tenerife, o Japão, a Cingapura, Sarawak, Java, Sri Lanka, a Índia, a Austrália, a Nova Zelândia, a África do Sul e o Chile. Na década de oitenta, North pagou pela construção de uma galeria especial para expor mais de 800 das suas pinturas no famoso Kew Garden na Inglaterra. Além das pinturas de plantas ela também pintou paisagens. Suas pinturas da Mina de Morro Velho são documentos preciosos de uma das mais importantes vilas e centros econômicos de Minas Gerais na segunda metade do século XIX.⁹

O fim deste ciclo de viajantes, desde meu ponto de vista, vem com a publicação da narrativa de James W. Wells em 1886. O livro de Wells fecha o ciclo de viajantes vitorianos em Minas. Nas próximas décadas serão mais comuns os livros de publicidade em vez dos livros de viajantes do século XIX. O citado livro de Jacob, e outros menos meritórios, aparecem com certa frequência dos anos oitenta até a Segunda Guerra Mundial. Normalmente, são projetos do governo estadual ou de empresas, para atrair estrangeiros e capital estrangeiro para Minas Gerais. Por isso, muitos desses livros concentram-se nas riquezas minerais do estado, especialmente o ferro.¹⁰ De uma certa maneira, os geólogos compõem uma categoria especial de brasilianistas estrangeiros – nos trabalhos escritos por von

⁸ Marianne North, *Lembranças de uma vida feliz*. (Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2001).

⁹ Marianne North, *A Vision of Eden: The Life and Work of Marianne North*. preface by J.P.M. Brenan; foreword by Anthony Huxley; biographical note by Brenda E. Moon (London: HMSO, 1980).

¹⁰ Por exemplo, Raymundo Pereira Brazil, *Minas Geraes na grandeza do Brasil* (Belo Horizonte: 1936).

Eschwege na Regência a Albert Calvert no começo do século XX. Desde o fim do ciclo de viajantes até a chegada dos primeiros brasilianistas “profissionais” após 1960, os geólogos formam um tipo de ponte entre os brasilianistas do XIX e do XX.

III. Segunda Onda: Os Acadêmicos do Século XX

O longo período entre Wells e a chegada dos acadêmicos do final do século XX—aproximadamente setenta e cinco anos – existe um grande vazio nas contribuições de brasilianistas estrangeiros à historiografia de Minas Gerais. Como já notei, temos algumas exceções, mas não muitas e as mais notáveis são os relatos de geólogos.¹¹ Uma segunda e mais intensa onda de brasilianistas começa chegar a Minas Gerais (e ao Brasil) nos anos sessenta ou mais precisamente depois do triunfo de Revolução Cubana em 1959. Há muita coisa escrita sobre esse fenômeno – o chamado *boom* nos estudos latino-americanos nos Estados Unidos – e não quero dizer muito sobre isso agora.¹² O *boom* nas universidades americanas criou, em uma década, uma geração de especialistas (os chamados “filhos de Fidel”) com experiência na região, facilidade com o espanhol e o português, e carreiras acadêmicas. Eles impulsionaram pesquisas regulares nos arquivos da região e a formação de programas de pós-graduação, ou seja, seus herdeiros profissionais.

¹¹ H. K. Scott, “The Gold Fields of the State of Minas Gerais, Brazil,” *Transactions of the American Institution of Mining Engineers* (1902), 1-39; J. H. Goodchild, “Laterization in Minas Geraes, Brazil,” *Transactions of the Institution of Mining and Metallurgy*, 23 (1914), 3-54; John Van Dorr II et al. *Esboço geológico do Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais, Brasil* (Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Produção Mineral, 1959).

¹² Um amplo estudo sobre esse fenômeno é Rubens Antônio Barbosa, Marshall C. Eakin, Paulo Roberto de Almeida, eds., *O Brasil dos brasilianistas: um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos* (São Paulo: Paz e Terra, 2002).

Dói-me admitir que os estudos mexicanos dominem a maior parte dos estudos latino-americanos nos Estados Unidos, com, talvez, quarenta por cento dos especialistas, em todas as disciplinas. Na verdade, isso tem certa lógica porque México e os Estados Unidos dividem uma fronteira de mais de 3, 000 quilômetros e possuem laços de povos migrantes antigos e uma integração econômica forte. Ainda que o Brasil seja o principal país da América Latina, México sempre será mais importante para os Estados Unidos. Conseqüentemente, o Brasil jamais atrairá um grande número de especialistas acadêmicos do meu país. Mesmo no auge do *boom*, nos anos setenta, eu acho que o número de brasilianistas nos Estados Unidos nunca superou quinhentas pessoas e os números da Europa são muito menos em comparação.

Outra observação importante: também me dá muita pena admitir que Minas Gerais não tenha sido o centro do universo brasilianista! As atrações no eixo Rio de Janeiro - São Paulo têm seduzido a grande maioria dos brasilianistas. A Bahia tem uma atração especial para os especialistas na escravidão e na época colonial. Apesar da importância de Minas na história do Brasil o estado tem atraído uma pequena parte dos brasilianistas estrangeiros nos Estados Unidos e a Europa. Sempre gosto de pensar que somos os mais intrépidos dos brasilianistas – e os mais inteligentes por termos escolhido estudar a melhor parte do Brasil!

Mesmo sendo pequena a comunidade brasilianista no estrangeiro, a grande diferença entre a primeira onda e a segunda é a formação de brasilianistas profissionais. Quaisquer que sejam as contribuições dos brasilianistas do século XIX eles só tinham uma preparação superficial antes de chegar ao Brasil. A bibliografia sobre o Brasil foi incrivelmente pequena em comparação com as fontes

disponíveis hoje. Os brasilianistas dos anos sessenta e setenta tiveram nas mãos diversos trabalhos escritos por brasileiros sobre o país e a bibliografia (produzida por brasileiros e brasilianistas) multiplicou imensamente entre 1970 e 2000. Independente da produção dos brasilianistas dos últimos anos serem boa ou ruim, eles claramente têm uma preparação através de leituras e de estudos da língua portuguesa muitas vezes superior aos brasilianistas do XIX.

Eu vejo três gerações de brasilianistas desde 1960. A primeira geração chega ao Brasil nos anos sessenta e publica os seus livros e teses nos anos setenta. A segunda geração de livros e teses aparece nos oitenta e a terceira nos anos noventa. Não é um grupo grande no total. Eu calculo que temos produzido umas 23 teses de doutorado e (apenas) 11 livros! (Para dar um pouco de perspectiva, as universidades americanas produziram menos de 300 teses e 100 livros sobre a história do Brasil e noventa por cento delas nos últimos quarenta anos. Usando dados pela ANPUH, Eliana Dutra calcula que as universidades brasileiras produziram 85 teses de doutorado e dissertações de mestrado num período de dez anos—1985-1994.)¹³ A grande maioria das teses e livros na minha lista foram escritos por historiadores, mas alguns dos autores são cientistas sociais com uma visão histórica (Teulières, Dickenson, Fleischer, Cammack, Hagopian, Montero). Também não constam na lista as teses e livros de cientistas, sociólogos, e outros que não tem uma dimensão diacrônica.

¹³ Judy Bieber, "História do Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000," em *O Brasil dos brasilianistas*, 204. Eliana R. Freitas Dutra, "A Historiografia Mineira: Tendências e Contrastes," Anais do X Encontro Regional de História: "Minas, trezentos anos: um balanço historiográfico," *Revista de História*, n. 6 (1996), 7-15.

Antes de analisar estas gerações, devo notar que conheço quatro pessoas que antecipam as gerações pós-1960: Manoel Cardozo, Germain Bazin, Robert Chester Smith e Roger Teulières. Do Teulières admito que não sei quase nada. Ele escreveu uma tese sobre Belo Horizonte na Université de Bourdeaux em 1956, quase duas décadas antes das teses sobre Minas nas universidades americanas. Aparentemente, este geógrafo francês então se interessou pela Indochina e publicou vários artigos sobre a agricultura do Vietnã.¹⁴ O certo é que ele não seguiu uma carreira estudando o Brasil. O famoso (ou talvez notório) Cardoso (1911-?) escreveu uma das primeiras teses nos Estados Unidos sobre o Brasil e mais especificamente sobre a mineração na Colônia. Uma grande parte da tese fala de Minas Gerais. Infelizmente, Cardozo seguiu uma carreira como arquivista vigiando cuidadosamente a (então) misteriosa coleção de Oliveira Lima em Washington e escreveu muito pouco na sua longa vida. O historiador da arte, Robert C. Smith (1912-1975), é outro caso. Ele defendeu sua tese de doutorado sobre a arte em Portugal em 1936 na Harvard University. Entre 1947 e 1975 lecionou na Universidade da Pensilvânia e escreveu muitos livros e ensaios sobre a arte de Portugal e de vez em quando voltou sua atenção para o Brasil, em particular o Aleijadinho e o Barroco Mineiro. Publicou alguns livros preciosos sobre o tema. Smith foi um luso-brasilianista com ênfase no luso.¹⁵ A obra de Smith foi paralela ao historiador da arte Germain Bazin, conservador chefe do Louvre em Paris. Também nos anos cinquenta Base pesquisou o Barroco Mineiro e adorou a obra genial do Aleijadinho. Publicou vários

¹⁴ Por exemplo, "La maison rurale Vietnamiennne et les circonstances de son évolution dans la région sud-orientale du Viêt-Nam," *Bulletin de la Société des Etudes Indochinoises, Nouvelle Série*, 36: 4, 1961; "Les paysans Viêt-namiens et la réforme rurale au Sud Viêt-Nam," *Les Cahiers D'Outre-Mer*, XV (1962), 47-84.

¹⁵ Robert Chester Smith, *The Art of Portugal, 1500-1800* (London: Weidenfeld and Nicolson, 1968).

livros e ensaios sobre o Aleijadinho e a arte barroca. Com Smith, Bazin fez muito para conscientizar os especialistas europeus e estadunidenses sobre o gênio do Aleijadinho. De maneiras diferentes, Cardozo, Smith, Bazin e Teulières foram precursores dos acadêmicos pós-1960.

No período 1964-1975 são produzidas oito teses de doutorado e um livro sobre Minas Gerais. Na maioria dos casos as teses são resultados de pesquisas feitas em Minas Gerais. As duas primeiras contribuições à historiografia mineira não são teses exclusivamente sobre Minas Gerais. A tese de Charles Gauld sobre Percival Farquhar (1964) e do notável brasilianista John Wirth sobre o nacionalismo econômico na era de Vargas (1966) são estudos sobre temas nacionais, mas tópicos em que Minas tem um papel importante na história. Gauld foi um tipo de escritor e bibliógrafo e não um professor universitário. Já tinha mais de cinquenta anos quando defendeu sua tese. Wirth, como vocês sabem, foi professor na Stanford de 1966 até seu falecimento em junho de 2002. Com Joseph Love e Robert Levine, outros grandes brasilianistas da geração dos anos sessenta, Wirth escreveu um livro básico na historiografia, *Minas Gerais na federação brasileira – o fiel da balança* (1982). Em minha opinião este livro é o primeiro de um brasilianista estrangeiro desta onda que enfoca totalmente no universo mineiro em inglês. O livro de Wirth faz um tipo de síntese baseada quase totalmente nos trabalhos de brasileiros. Como Love e Levine (para São Paulo e Pernambuco), Wirth traz uma nova metodologia ao debate sobre elites políticas. Pesquisando as fontes primárias e secundárias ele constrói uma análise mais formal e quantitativa no debate sobre a composição das elites mineiras e suas características. Wirth esclarece muito e seu trabalho serve como base ou um ponto de partida para outros estudos nos anos

oitenta e noventa.¹⁶ A trilogia de Wirth, Love e Levine também é um caso muito raro nos estudos históricos de brasilianistas estrangeiros – pois é um verdadeiro projeto de colaboração numa disciplina de “anarquistas” e “individualistas”!

Um dos mais interessantes pesquisadores desta geração é o geógrafo inglês John Philip Dickenson. Sua tese na Universidade de Liverpool (1970) sobre a “geografia do desenvolvimento industrial” da Zona Metalúrgica não parece ter sido muito notado aqui. É uma rica fonte de dados sobre todos os aspectos da indústria e a história industrial de Minas nos anos cinqüenta e sessenta. Dickenson manteve contatos com institutos e professores em Belo Horizonte por décadas e escreveu alguns artigos sobre a indústria mineira, mas nunca publicou a tese. Recentemente se aposentou da Universidade de Liverpool.

Outro brasilianista estrangeiro deste grupo é Kenneth Maxwell (aqui conosco hoje). Britânico por nascimento, ele fez sua carreira acadêmica nos Estados Unidos.¹⁷ Escreveu sua tese sob a orientação de Stanley Stein em Princeton e foi publicada em 1973 como *Conflicts and Conspiracies: Brazil and Portugal, 1750-1808* (e em português como *A devassa da devassa: a Inconfidência Mineira: Brasil-Portugal, 1750-1808*). Mais que qualquer outro brasilianista nos Estados Unidos,

¹⁶ Ignácio José Godinho Delgado, “Burguesia e estado—o caso de Minas Gerais: a estratégia de um revês,” Tese de mestrado, Departamento de Ciência Política, Universidade Federal de Minas Gerais, 1989; Maria Auxiliadora Faria, “‘A Política da Gleba’: as classes conservadoras mineiras: discurso e prática na Primeira República,” Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo, 1992; Amílcar Vianna Martins, Filho. “The White Collar Republic: Patronage and Interest Representation in Minas Gerais, Brazil, 1889-1930,” Ph.D. Diss., University of Illinois, 1987; Evantina Pereira Vieira, “Minas Gerais: dominação burguesa—conflitos políticos e formas de organização (1927-1940),” Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo, 1985; Octavio Soares Dulci, *Política e recuperação econômica em Minas Gerais* (Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999); Marshall C. Eakin, *Tropical Capitalism: The Industrialization of Belo Horizonte, Brazil* (New York: Palgrave, 2001); Frances Hagopian, *Traditional Politics and Regime Change in Brazil* (Cambridge: Cambridge University Press, 1996).

¹⁷ Kenneth Maxwell, *Naked Tropics: Essays on Empire and Other Rogues* (New York: Routledge, 2003).

Maxwell tem trabalhado nos dois lados do Oceano Atlântico. Seu livro, como suas muitas publicações, combina a história de Portugal e do Brasil. Ele é um *lusobrasilianista* de verdade! Com o livro de Wirth, *A devassa da devassa* é um dos dois livros de brasilianistas com a história de Minas Gerais como o eixo central do trabalho. (Devo agregar aqui que o lendário C. R. Boxer publicou seu *A Idade de ouro do Brasil* em 1969, mas só um capítulo concentra na história mineira.)

A grande expansão das universidades americanas e o *boom* latino-americanista terminam em meados dos anos setenta. Começa um período difícil no mercado acadêmico, em parte por causa do fim de uma onda demográfica significando menos alunos, em parte por causa dos problemas econômicos após os choques do petróleo e finalmente por causa da superprodução dos Ph.D. Os filhos de Fidel tiveram sucesso na criação de programas de pós-graduação e a oferta excedeu a demanda. Apesar deste cenário pessimista, alguns alunos entraram nos programas de pós-graduação, fizeram pesquisas em Minas, e terminaram suas teses. Poucos acharam trabalho como professor universitário. Oito teses de doutorado foram feitas entre 1980 e 1987, seis delas nos três primeiros anos da década, ou seja, neste grupo todos tinham completado as pesquisas antes de 1980. Foram publicados mais dois livros de temas ligados a Minas, um totalmente dedicado a história mineira.

Eu diria que três dessas teses tiveram pouco impacto na historiografia. Miguel Arroyo, William Callaghan e Jerry Weiner nunca publicaram suas teses e não seguiram carreiras acadêmicas. Sumiram no mundo acadêmico de “publicar ou perecer”. Peter Blasenheim publicou uma parte da tese sobre a Zona da Mata e hoje é professor de história na Colorado College, uma instituição “liberal arts” no

estilo americano que enfatiza e premia excelência no ensino com poucas oportunidades para dedicar-se a pesquisa e publicação. Kathleen Higgins logrou publicar sua tese sobre a escravidão e gênero (mas em 1999) e parece ter saído do professorado. Somente três deste grupo seguiram carreira nas “universidades de pesquisa”. Paul Cammack leciona na University of Manchester e Frances Hagopian até recentemente foi diretora do prestigioso Helen Kellogg Institute for International Studies na Notre Dame University. Os dois são cientistas políticos cujas teses têm uma dimensão diacrônica importante. Eu sou o terceiro, o único historiador da minha turma seguindo uma vida feliz de pesquisa e publicação!

Eu sou um dos poucos sobreviventes desta geração de brasilianistas americanos. Muitos anos atrás fiz uma revisão de todas as teses de doutorado sobre a história brasileira defendidas nas universidades americanas entre 1977 e 1983--a minha turma. O total foi apenas 40, ou seja, seis por ano. Sete das teses foram publicadas e os sete autores hoje são a minha geração de brasilianistas nos Estados Unidos.¹⁸ Somos um grupo muito menor do que a geração dos anos sessenta e a turma dos noventa é também maior que nós. Em suma, a comunidade de historiadores do Brasil nos Estados Unidos não é muito grande (eu calculo menos de 75 pessoas) e o de “mineiristas” é bem menor. Somente três das teses da turma dos anos oitenta foram publicadas, e as de Hagopian e Higgins não foram lançados como livros até o final dos anos noventa.

¹⁸ O grupo: nome, universidade (data da tese, e a data da publicação do livro): Steven Topik, University of Texas (1978, 1987); Barbara Weinstein, Yale University (1980, 1983); Marshall C. Eakin, UCLA (1981, 1989); Sandra Lauderdale Graham, University of Texas (1982, 1988); Jeffrey Needell, Stanford University (1982, 1988); Alida Metcalf, University of Texas (1983, 1992); Susan Besse, Yale University (1983, 1998).

A tese de Cammack entra no debate intenso e antigo sobre o clientelismo em Minas Gerais (e no Brasil), especialmente na Primeira República. Abertamente polêmico, Cammack ataca muitos autores descartando o “modelo” clientelista por sua versão da representação de interesses das classes dominantes.¹⁹ Basta dizer que não concordo com sua tese (e isto deve ser obvio no meu livro *Tropical Capitalism*) e acho que Amilcar Martins destruiu a posição de Cammack há vinte anos.²⁰ Em contraste total com Cammack, a tese (e livro) de Hagopian afirma a força do clientelismo—e sua persistência no final do século XX apesar dos esforços modernizantes da tecnocracia da ditadura militar. As teses de Amilcar Martins e de Frances Hagopian são *bookends* da história do clientelismo mineiro no começo e no fim do século XX.

Os únicos livros publicados sobre a história de Minas nos anos oitenta foram o meu sobre Morro Velho e a coleção de ensaios de A. J. R. Russell-Wood, *The Black Man in Slavery and Freedom in Colonial Brazil* (1982). Embora que não seja completamente sobre Minas, uma grande parte do livro de Russell-Wood é baseada em pesquisas intensas no Arquivo Público Mineiro nos anos setenta. Eu me lembro de uma conversa faz muitos anos com o grande bibliógrafo Hélio Gravatá sobre Russell-Wood. O Hélio me falou que ele jamais tinha visto alguém trabalhar tão intensamente no Arquivo revisando tantos documentos. O livro foi uma importante contribuição aos estudos da escravidão especialmente os papéis dos “pretos livres”.

¹⁹ Paul Cammack, “O ‘Coronelismo’ e o ‘Compromisso Coronelista’: Uma Crítica,” *Cadernos DCP*, n. 5 (1979), 1-20.

²⁰ Amilcar Martins Filho, “Clientelismo e Representação em Minas Gerais durante a Primeira República: Uma Crítica a Paul Cammack,” *Revista de Ciências Sociais*, 27:2 (1984), 175-197.

Foi um dos primeiros livros na linha de estudos que analisou as fronteiras entre a liberdade e a escravidão e suas complexidades.

O meu livro sobre Morro Velho foi inspirado nos estudos sobre o desenvolvimento e a dependência. Como aluno na Universidade de Costa Rica em 1973 e 1974 tinha absorvido totalmente a linguagem e o ambiente destes estudos. Li (em espanhol) Cardoso e Faletto, Osvaldo Sunkel e Pedro Paz, Celso Furtado, André Gunder Frank e muitos outros.²¹ (Um dos meus professores na Costa Rica foi um jovem brasileiro educado na França e no exílio naquele momento—Ciro F. S. Cardoso.) Fascinado com a chamada “conexão externa”, resolvi estudar a influência de uma empresa estrangeira e sua influência numa região específica. Naquela época não havia nenhum estudo monográfico sobre a história de uma empresa estrangeira no Brasil. Fugindo da fixação estrangeira com Rio - São Paulo – Bahia, decidi que Minas ofereceria o melhor lugar para meu estudo: um dos três ou quatro estados mais importantes na história brasileira com uma rica história menos escavada que esses três outros estados. Com muita sorte achei os arquivos da St. John d’el Rey Mining Company em Austin, Texas e Nova Lima. São poucos os pesquisadores que exploraram os documentos, principalmente Douglas Libby, um americano que tinha chegado a Belo Horizonte nos anos setenta e acabou ficando. Douglas pesquisava sobre a escravidão e Yonne Grossi sobre o movimento operário

²¹ Fernando H. Cardoso y Enzo Faletto, *Dependencia y desarrollo en América Latina* (México: Siglo XXI, 1969); Osvaldo Sunkel y Pedro Paz, *El Subdesarrollo latinoamericano y la teoría del desarrollo* (México: Siglo XXI, 1970); Celso Furtado, *La Economía latinoamericana desde la conquista hasta la Revolución Cubana* (México: Siglo XXI, 1969); Antonio Murga Frasinetti y Guillermo Boils, eds., *América Latina: dependencia y subdesarrolla* (San José, Costa Rica: EDUCA, 1973).

nos anos sessenta.²² Eu queria dar uma visão global da companhia britânica e as mudanças na comunidade de Nova Lima durante 130 anos (1830 a 1960). Na verdade, *British Enterprise in Brazil (Empreendimento britânico no Brasil)* é um estudo de comunidade no sentido antropológico. A primeira metade do livro analisa a companhia estrangeira e a segunda metade o desenvolvimento de uma comunidade “mineira” (nos dois sentidos da palavra). Além de tratar de muitos aspectos da história mineira, *British Enterprise* é a mais completa análise das operações de uma empresa estrangeira no Brasil. Infelizmente, depois de quinze anos, só temos um outro livro deste tipo.²³ Depois de dez anos trabalhando no meu livro conclui que (apesar do grande poder e sucesso econômico da companhia inglesa) a Companhia do Morro Velho tinha relativamente pouco poder de influenciar e de mudar a política econômica do estado ou da nação! O livro foi publicado justamente no momento do declínio da história econômica e social e ascensão da “nova” história cultural.

As seis teses do curto período de 1980 a 1982 foram seguidas pelas teses de Hagopian e Higgins em 1986 e 1987, e depois disso tivemos oito anos de silêncio. Na primeira metade dos anos noventa outra geração de “mineiristas” estrangeiros começaram suas pesquisas e o fruto dessas pesquisas foi a publicação de seis teses em apenas cinco anos (1995 a 1999) e o lançamento de quatro livros entre 1996 e 1999. Foi uma ondinha impressionante e rápida de interesse na história de Minas.

²² Douglas Cole Libby, *Trabalho escravo e capital estrangeiro no Brasil: o caso de Morro Velho* (Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1984); Yonne de Souza Grossi, *Mina de Morro Velho: a extração do homem: uma história de experiência operária* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981).

²³ Duncan McDowall, *The Light: Brazilian Traction, Light and Power Company Limited, 1899-1945* (Toronto : University of Toronto Press, 1988).

Judy Bieber, uma aluna de Russell-Wood, foi a primeira a defender sua tese neste grupo (em 1995) e, rapidamente, publicou seu livro, *Power, Patronage, and Political Violence: State Building on a Brazilian Frontier, 1822-1889* (1999). Como Hal Langfur e Jonathan Warren, Bieber concentra-se nas regiões “fronteiriças” da província, neste caso o Norte de Minas. Usando o Arquivo Público Mineiro e os arquivos municipais de Montes Claros, Januária e São Romão ela mostra claramente as relações políticas entre os governos federal, estadual e municipal. Bieber entra no velho debate sobre a relação entre a violência política e o crescente poder do governo central durante o Império e insiste que foi o governo central que causou a violência política ao contrário da posição tradicional na historiografia.

A tese de Langfur, ainda não publicada, também analisa a fronteira mineira nas últimas décadas da Colônia, ou seja, no período justamente anterior ao livro de Bieber. Langfur mostra que a luta violenta no sertão oriental de Minas foi resultado da migração da população da zona de mineração depois do colapso da economia de ouro. A conquista da terra, a exterminação dos indígenas e a construção de uma estrutura de dominação racial são os temas centrais deste rico trabalho. A tese (e o livro) do antropólogo Jonathan Warren trata do último capítulo da história dos povos indígenas desta região. Praticando um tipo de história contemporânea, Warren conta as várias transformações dos povos assumindo uma identidade indígena numa era de “política identitária” (identity politics). A história desses povos (que ele chama “pós-tradicional”) nas décadas recentes representa a tentativa de resgatar um passado cultural. Embora o livro de Warren seja antropologia ele oferece desafios aos historiadores por causa do uso e abuso de narrativas históricas. Os estudos da formação racial normalmente têm como foco o espectro branco-negro no

Brasil. O trabalho de Warren representa uma nova tendência de examinar a formação de uma identidade indígena.

As teses de Montero e Kiddy, os outros da turma dos noventa, são contribuições a historiografia, mas de perspectivas bem diferentes. À primeira vista, o trabalho de Elizabeth Kiddy parece um tema tradicional – as irmandades de escravos na Colônia, mas não é história tradicional. Com uma formação em música, Kiddy fez um Ph.D. em estudos latino-americanos (orientada por Judy Bieber) em vez de entrar numa faculdade de história. A primeira parte da tese faz um resumo de conhecimentos sobre as irmandades dos pretos no século XVIII como base para analisar a evolução dos congados. Na segunda parte da tese ela afirma que as irmandades através dos congados foram um espaço onde os pretos criaram e preservaram uma “cosmologia” própria que não foi uma simples acomodação passiva ao mundo moral dos europeus. Ainda que seja interessante, acho que a mistura de história, antropologia e psicologia social não produz um argumento muito forte.

Por outro lado, a tese (e livro) de Montero também não constitui história tradicional. Montero, um cientista político estudando a política industrial nos anos oitenta e noventa, faz uma comparação entre o Brasil e a Espanha ao nível regional. Minas Gerais foi um dos seus três “casos” de estudo. Como o meu livro, *Tropical Capitalism*, o trabalho de Montero examina o papel das elites políticas, econômicas e tecnocráticas nas décadas recentes assim como revela a importância destas elites regionais nos processos de industrialização e democratização. A comparação põe Minas num relevo interessante e a sua mistura de ciência política e história funciona bem. Um professor no Carleton College, outro “colégio de artes liberais”, Montero já

publicou vários artigos e editou outro livro sobre a descentralização e a democracia na América Latina. Com a ênfase na ciência política nas grandes teorias, nos estudos globais e comparativos, duvido que Montero continue com estudos mineiros, históricos ou políticos.

Além dessas cinco teses, foram publicados quatro livros sobre Minas nesse período, uma verdadeira avalanche comparada com as décadas anteriores. Em 1996 saiu o livro de Hagopian, e (incrivelmente) três livros em 1999—as teses revisadas de Bieber e Higgins, e um livro de Laird Bergad. Este último é um caso interessante – a grande maioria dos brasilianistas estrangeiros acadêmicos (especialmente historiadores) começou com pesquisas em Minas. Bergad foi treinado em história econômica e social da minha geração e escreveu livros sobre Puerto Rico e Cuba no século XIX.²⁴ Voltou sua atenção para Minas Gerais nos anos noventa e produziu *Slavery and the Demographic and Economic History of Minas Gerais, Brazil, 1720-1888*. Ambicioso, sofisticado, altamente quantitativo, o livro de Bergad tem que ser um dos mais importantes trabalhos desta onda de brasilianistas estrangeiros. Resumindo dois séculos de história mineira, Bergad confronta muitos dos temas mais discutidos da historiografia: os ciclos econômicos, a natureza da economia mineira no Império, o perfil da população cativa e mais. Construído com base em dados colecionados e organizados por pesquisadores mineiros (especialmente por Clotilde Paiva e o CEDEPLAR) o trabalho de Bergad

²⁴ *Coffee and the Growth of Agrarian Capitalism in Nineteenth-Century Puerto Rico* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1983); *Cuban Rural Society in the Nineteenth Century: The Social and Economic History of Monoculture in Matanzas* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1990); Laird W. Bergad, Fe Iglesias García, María del Carmen Barcia, *The Cuban Slave Market, 1790-1880* (Cambridge: Cambridge University Press, 1995).

vai suscitar debates por muitos anos, especialmente sua afirmação que a população escrava foi se reproduzindo no século XIX (uma confirmação da tese de Roberto Martins de 1980). Como qualquer trabalho quantitativo e ambicioso muito do debate será sobre o valor e validade dos dados e métodos.

O livro de Kathleen Higgins (a revisão da sua tese) também contribui a grande historiografia sobre a escravidão em Minas. Como muitos outros historiadores nos últimos vinte anos, Higgins usa a lente do gênero para entender a sociedade escravista do século XVIII. Pesquisando nos ricos arquivos de Sabará, especialmente nos inventários e nos testamentos, Higgins reivindica a importância do gênero na formação e evolução do regime escravista mineiro. O debate sobre a “autonomia” das mulheres, escravas ou não é o ponto central da sua discussão. No meu ponto de vista, este aspecto é o mais nebuloso e o menos convincente do livro.

A tese de Langfur em 1999 foi o começo de um outro vazio no brasilianismo acadêmico. Não conheço nenhuma outra tese de um estrangeiro sobre Minas nesses últimos cinco anos. Além das teses, vimos a publicação de três livros sobre a história mineira, dois em 2001 e um outro em 2002. O Jonathan Warren publicou sua tese em 2001. O livro de Alfred Montero e o meu segundo livro sobre Minas, *Tropical Capitalism*, saíram em 2001 e 2002. Os nossos dois livros têm muito em comum: são trabalhos sobre a história recente, as elites, a tecnocracia, o planejamento e a industrialização. Minas Gerais forma só uma parte no estudo de Montero e é o foco principal do meu livro. De certa maneira, eu e Montero continuamos a longa discussão sobre o papel das elites mineiras partindo principalmente dos trabalhos de Amílcar Martins e Luis Aureliano Gama de Andrade.

IV. Conclusões

Quais são as minhas conclusões sobre estes dois séculos de contribuições de brasilianistas estrangeiros? Como resumir trabalhos tão diversos e variados? Volto mais uma vez ao contexto global da produção do conhecimento. Na primeira onda no século XIX prevaleceu a presença de europeus viajantes numa época da supremacia econômica e política européia, um período antes da criação de especialistas em ciências humanas com formação universitária. O valor dos viajantes vem das suas observações de Minas imperial. Os livros destes brasilianistas são documentos primários que às vezes agregam os mais ricos detalhes e informações à outras fontes do Império como os censos, os inventários, os mapas e os registros paroquiais. Outras vezes, as narrativas oferecem dados e análises que são únicos e que não têm nada igual nos arquivos mineiros. Os melhores e mais ricos dos livros de viajantes do século XIX, a meu ver, são os mais detalhados e extensos (Mawe, Burton, Saint-Hilaire).

A onda de contribuições pós-1960 são completamente diferentes dos livros do século XIX. Entramos na era da supremacia norte-americana no mundo e especialmente no hemisfério. A grande expansão e consolidação das universidades americanas e os interesses econômicos e políticos dos Estados Unidos resultam na predominância de brasilianistas norte-americanos não somente nos estudos mineiros, mas também nos estudos brasileiros e latino-americanos. A grande diferença entre a primeira geração de brasilianistas norte-americanos e a última é o crescimento das universidades brasileiras e as faculdades de história—especialmente os programas de pós-graduação. O número de teses e livros de brasilianistas continua basicamente estável enquanto a formação de historiadores acadêmicos

brasileiros, e suas publicações crescem nas últimas décadas, ou seja, a contribuição dos brasilianistas diminui proporcionalmente em cada década.

Em geral, os norte-americanos escrevem para duas audiências: principalmente para a comunidade acadêmica nos Estados Unidos com as preocupações dessa comunidade—emprego numa boa universidade, “tenure”, promoções e reconhecimento pelos brasilianistas e latino-americanistas lá. Ao mesmo tempo, muitos de nós também queremos ter uma audiência brasileira (e latino-americana). Na seleção de temas, nas maneiras de formular os argumentos e livros e nos marcos teóricos estamos tentando de balancear essas duas audiências, sabendo que muitas vezes os interesses das duas são bem diferentes. Por exemplo, a grande maioria dos brasilianistas estadunidenses têm que ser “generalists” – eles têm que ensinar e falar coerentemente sobre América Latina em geral. Muito poucos de nós podemos fazer carreira apenas como especialistas em história do Brasil e, muito menos, na história de Minas Gerais.

Uma coisa em comum com os historiadores brasileiros é a preponderância de estudos sobre o período depois de 1889. Sessenta por cento das 23 teses de doutorado se concentraram em Minas republicano, uma tendência também nas teses e dissertações escritas sobre Minas Gerais nas universidades brasileiras.²⁵ Como a historiografia aqui, os trabalhos dos brasilianistas estrangeiros mostra a força da história social depois de 1970. Das sete teses sobre o período colonial a maioria tem a escravidão como seu tema central. Agregamos a este grupo os livros de Bergad, Warren e Russell-Wood. A discussão sobre as relações raciais e a escravidão é um tema central na historiografia nas comunidades acadêmicas (no

²⁵ Dutra, “A Historiografia Mineira: Tendências e Contrastes,” 8.

público em geral) no Brasil e nos Estados Unidos faz mais de meio século. A minha maior preocupação nesta discussão no Brasil hoje em dia é a tendência cada vez mais forte de importar modelos e marcos teóricos norte-americanos para explicar a história das relações raciais aqui. Vejo isto como uma forma pérfida de difusão cultural acadêmica. Acho que os brasileiros devem ter muito mais cuidado com a influência norte-americana nos estudos brasileiros. Acho que essa tendência tem sido muito mais forte nos estudos antropológicos e culturais.

O lado político da história social tem sido os estudos sobre as elites mineiras. Os trabalhos de Wirth, Cammack, Eakin, Hagopian, Bieber e Montero contribuem de uma forma ou de outra ao debate sobre grupos sociais (neste caso as elites) e o poder político. As intervenções dos brasilianistas não resolveram os debates, mas elas têm ajudado a esclarecer e a refinar a discussão. Temos muitos dados detalhados, recolhidos por brasileiros e brasilianistas, sobre as elites mineiras e uma outra geração com certeza escreverá trabalhos ainda mais importantes e inovadores. Os dados das nossas gerações serão a base principal destes novos estudos.

Outra corrente nos estudos dos brasilianistas seriam os trabalhos de história econômica (e da política econômica). Wirth, Dickenson, Callaghan, Eakin e Montero são os melhores exemplos. Os temas predominantes são a industrialização, a siderurgia, e a intervenção do governo estadual para estimular o crescimento econômico. Todos eles se concentram no período pós-1930, com a exceção de Callaghan. É marcante a falta de interesse na história econômica do período imperial. Não produzimos estudos como os clássicos livros de Francisco Iglésias e

Douglas Libby.²⁶ Finalmente, os estudos urbanos representam outro tema através do anos. Desde a tese do geógrafo francês Teulière nos anos cinquenta ao estudo de Adelman sobre a construção de Belo Horizonte em 1974 seguidos pelo meu livro sobre a industrialização em 2001.

Este sumário resume dois séculos de produção de brasilianistas da Europa e os Estados Unidos. Como qualquer grupo de publicações, as contribuições dos brasilianistas estrangeiros são muito diversas e de qualidade variável. Quais serão as tendências futuras? Certamente, a predominância dos brasilianistas norte-americanos vai continuar no futuro próximo com pequenos números de ingleses e franceses (onde estarão os herdeiros dos alemães do século XIX?). Acho também que a fascinação com o período pós-1889 continuará. Será que os temas da história econômica e social continuarão seu domínio ou vamos ver mais influência dos estudos culturais? No que diz respeito à produção de teses de doutorado estamos claramente numa fase quieta desde 1999, semelhante aos períodos de 1976-1979 e 1988-1994. Espero que repetiremos os outros momentos de silêncio também com um novo grupo de teses sobre Minas Gerais. Não quero e não posso prever o futuro. Como historiador, não posso nem prever o passado muito bem! De uma coisa tenho certeza: Nós brasilianistas estrangeiros somos atraídos a Minas Gerais pela sua história importante, fascinante e rica e aprendemos essa história principalmente através dos trabalhos de brasileiros e das amizades com brasileiros. A comunidade acadêmica no estrangeiro se enriquece muitíssimo com as

²⁶ Francisco Iglésias, *Política econômica do governo provincial mineiro, 1835-1889* (Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958); Douglas Cole Libby, *Transformação e trabalho em uma economia escravista: Minas Gerais no século XIX* (São Paulo: Editora Brasiliense, 1988).

colaborações de vocês. Espero que a sua historiografia e a sua comunidade fiquem também enriquecidas pelas contribuições dos brasilianistas estrangeiros.

Referências bibliográficas

Adelman, Jeffrey. "Urban Planning and Reality in Republican Brazil: Belo Horizonte, 1890-1930," Tese de Doutorado, Indiana University, 1974.

Andreoni, João António (André João Antonil). *Cultura e opulência do Brasil*. Texto da edição

de 1711. Introdução e vocabulário por A. P. Canabrava. São Paulo: Companhia Editora

Nacional, 1967.

Arroyo, Miguel Gonzales. "The Making of the Worker: Education in Minas Gerais, Brazil,

1880-1920," Tese de Doutorado, Stanford University, 1982.

Bazin, Germain. *Aleijadinho e a escultura barroca no Brasil*. trad. Marisa Murray. Rio de

Janeiro: Record, 1971.

_____. *Aleijadinho e la sculpture baroque au Brésil*. Paris: Le Temps, 1963.

_____. *L'architecture religieuse baroque au Brésil*. 2 v. São Paulo: Museu de Arte,

1956-1958.

_____. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. 2 v. Rio de Janeiro: Editora

Record, 1983.

Bergad, Laird W. "After the Mining Boom: Demographic and Economic Aspects of Slavery in

Mariana, Minas Gerais, 1750-1808," *Latin American Research Review*, 31:1 (1996),

67-97.

_____. *Slavery and the Demographic and Economic History of Minas Gerais,*

Brazil, 1720-1888. Cambridge: Cambridge University Press, 1999

Bieber, Judy. *Power, Patronage, and Political Violence: State Building on a Brazilian Frontier,*

1822-1889. Lincoln: University of Nebraska Press, 1999.

Bieber-Freitas, Judy Alice. "Marginal Elites: Politics, Power, and Patronage in the Backlands of

Northern Minas Gerais, Brazil, 1830-1889," Tese de Doutorado, The Johns Hopkins

University, 1995.

Blasenheim, Peter Louis. "A Regional History of the Zona da Mata in Minas Gerais, Brazil,

1870-1906," Tese de Doutorado, Stanford University, 1982.

Bovet, M. A. de. *L'industrie minérale dans la Province de Minas-Geraes*. Paris: Dunod,

1883.

Boxer, C. R. *The Golden Age of Brazil, 1695-1750: Growing Pains of a Colonial Society*.

Berkeley: University of California Press, 1969, esp. Capítulo II, "The Gold Rush in

Minas Gerais," 30-60.

_____. *A Idade de ouro do Brasil: dores de crescimento de uma sociedade colonial*.

São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

Bunbury, Charles James Fox. *Viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas*

Gerais, 1833-1835. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.

Burmeister, Hermann. *Viagem ao Brasil através das Províncias do Rio de Janeiro e Minas*

Gerais. trad. Manoel Salvaterra e Hubert Schoenfeldt. São Paulo: Livraria Martins

Editora, S.A., 1952.

Burton, Richard Francis. *Explorations of the Highlands of the Brazil*. 2 v. London:

Tinsley Brothers, 1869.

_____. Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho. trad. David Jardim Junior.

Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Editora, 1976.

Callaghan, William Stuart. "Obstacles to Industrialization: The Iron and Steel Industry in Brazil

During the Old Republic," Tese de Doutorado, University of Texas, 1981.

Calvert, Albert F. *Mineral Resources of Minas Geraes (Brazil)*. London: E. & F. N. Spon;

New York: Spon & Chamberlain, 1915.

Cammack, Paul. "O 'Coronelismo' e o 'Compromisso Coronelista': Uma Crítica," *Cadernos*

DCP, n. 5 (1979), 1-20.

_____. "State and Federal Politics in Minas Gerais, Brazil," Tese de Doutorado,

Oxford University, 1980.

Cardozo, Manoel da Silveira Soares. "A History of Mining in Colonial Brazil," Tese de

Doutorado, Stanford University, 1940.

Castelnau, Francis. *Expedição às regiões centrais da América do Sul*. 2 v. trad. Olivério M. de

Oliveira Pinto. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1949.

Castro, Leda Maria Benevello de. "Social Organization and Change in Agricultural

Technology in Brazil: A Sociological Analysis of Minas Gerais Municipios,

1950-1970," Tese de Doutorado, Ohio State University, 1978.

Cladcleugh, Alexander. *Travels in South America during the Years 1819-20-21*. 2 v. London:

John Murray, 1825.

Courcy, Ernest de. *Six semaines au mines d'or du Brésil*. Paris: L. Sauvaitre, 1889.

Dantas, Mariana Libanio de Rezende. "Black Townsmen: A Comparative Study of Persons of

African Origin and Descent in Slavery and Freedom in Baltimore, Maryland and

Sabara, Minas Gerais, 1750-1810," Tese de Doutorado, Johns Hopkins University, 2004.

Derby, Orville. "Os Primeiros Descobrimientos de Ouro em Minas Gerais," *Revista do Instituto*

Histórico e Geográfico de São Paulo, 5 (1899-1900), 240-278.

_____. "Os Primeiros Descobrimientos de Ouro nos Distritos de Sabará e Caeté,"

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 5 (1899-1900), 279-295.

Dickenson, John Philip. "Electric Power Development in Minas Gerais, Brazil," *Revista*

Geográfica, 70 (junho 1969), 213-21.

_____. "Industrial Estates in Brazil," *Geography*, 55 (July 1970), 26-29.

_____. "Zona Metalúrgica: A Study of the Geography of Industrial Development

in Minas Gerais, Brazil," Tese de Doutorado, University of Liverpool, 1970.

Doria, Robert A. "The Metropolitan Community of Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil:

an Ecological Analysis of Locality Group Integration," Tese de Doutorado, University of

Florida, 1975.

Dorr, John Van, II. *Physiographic, Stratigraphic and Structural Development of the*

Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais, Brazil. Washington, DC: GPO, Geological

Survey Professional Paper 641-A, 1969.

Dorr, John Van, II et al. *Esboço geológico do Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais, Brasil.*

Rio de Janeiro: Departamento Nacional de Produção Mineral, 1959.

Eakin, Marshall C. *British Enterprise in Brazil: The St. John d'el Rey Mining Company and the*

Morro Velho Gold Mine, 1830-1960. Durham: Duke University Press, 1989.

_____. "Nova Lima: Life, Labor and Technology in an Anglo-Brazilian Mining

Community, 1882-1934," Tese de Doutorado, UCLA, 1981.

_____. *Tropical Capitalism: The Industrialization of Belo Horizonte, Brazil.* New

York: Palgrave, 2001.

Eschwege, Wilhelm Ludwig von. *Pluto brasiliensis.* 2 v. trad. Domicio de Figueiredo Murta.

Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1979.

Ferrand, Paul. *L'or a Minas Geraes, Brésil*. Belo Horizonte: s.p., 1913.

Fleischer, David Verge. "Political Recruitment in the State of Minas Gerais, Brazil (1890-1970)," Tese de Doutorado, University of Florida, 1972.

_____. *O Recrutamento político em Minas, 1890-1918*. Belo Horizonte:

Revista Brasileira de Estudos Políticos, 1971.

Freireyss, Georg Wilhelm. *Viagem ao interior do Brasil*. trad. A. Löfgren. Belo Horizonte:

Editora Itatiaia, 1982.

Gama de Andrade, Luis Aureliano. "Technocracy and Development: The Case of Minas

Gerais," Tese de Doutorado, University of Michigan, 1980.

Gardner, George. *Travels in the Interior of Brazil, principally through the Northern Provinces*

and the Gold and Diamond Districts during the Years 1836-41. London: Reeve, 1846.

_____. *Viagem ao interior do Brasil*. trad. Milton Campos. Belo Horizonte:

Livraria Itatiaia Editora, 1975.

Goodchild, J. H. "Laterization in Minas Geraes, Brazil," *Transactions of the Institution of*

Mining and Metallurgy, 23 (1914), 3-54.

Gorceix, Henri. "Riquezas Mineraes da Provincia de Minas," *Revista do Arquivo Público*

Mineiro, 18 (1913 [1881]), 19-32.

Gould, Charles A. *The Last Titan: Percival Farquhar, American Entrepreneur in Latin*

America. Stanford: Institute of Hispanic American and Luso-Brazilian Studies, Stanford

University, 1964.

Gravatá, Hélio. "Viajantes Estrangeiros em Minas Gerais, 1809 a 1955: Contribuição

Bibliográfica," *Minas Gerais (Suplemento Literário)*, 10 outubro 1970, 11-12.

Hagopian, Frances. "The Politics of Oligarchy: The Persistence of Traditional Elites in

Contemporary Brazil," Tese de Doutorado, Massachusetts Institute of Technology, 1986.

_____. *Traditional Politics and Regime Change in Brazil*. Cambridge:

Cambridge University Press, 1996.

Halfeld, Henrique Guilherme Fernando e J.J. von Tschudi. *A província brasileira de Minas*

Gerais. trad. Myriam Avila; ensaio crítico, notas e revisão da tradução, Roberto Borges

Martins. Belo Horizonte : Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e

Culturais, 1998.

Harder, E. C. and Chamberlain, R. T. "The Geology of Central Minas Geraes, Brazil,"

Journal of Geology, V:23 (1915).

Higgins, Kathleen J. "*Licentious Liberty*" in a Brazilian Gold-mining Region: Slavery, Gender,

and Social Control in Eighteenth-Century Sabará, Minas Gerais. University Park:

Pennsylvania State University Press, 1999.

_____. "The Slave Society in Eighteenth-Century Sabara: A Community

Study in Colonial Brazil," Tese de Doutorado, Yale University, 1987.

Jacob, Rodolphe. *L'état de Minas Geraes (Brésil)*. Belo Horizonte: Etat de Minas Geraes,

1920.

_____. *Minas Geraes no XX seculo.* Rio de Janeiro: Gomes e Simões, 1911.

Kiddy, Elizabeth Winchell. "Brotherhoods of Our Lady of the Rosary of the Blacks:

Community and Devotion in Minas Gerais, Brazil," Tese de Doutorado, University of

New Mexico, 1998.

Langfur, Harold Lawrence. "The Forbidden Lands: Frontier Settlers, Slaves, and Indians in

Minas Gerais, Brazil, 1760-1830," Ph.D. Diss., University of Texas, 1999.

Leloup, Yves. *Les paysages urbaines: Belo Horizonte, capitale champignon.* Paris:

Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine, 1970.

_____. *Les Villes du Minas Gerais.* Paris: Institut des Hautes Études de l'Amérique

Latine, 1970.

Luccock, John. *Notas sôbre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil.* São Paulo:

Livraria Martins Editôra S.A., 1951.

_____. *Notes on Rio de Janeiro and the southern parts of Brazil taken during a*

residence of ten years in that country from 1808 to 1818. London: Samule Leigh, 1820.

Martin, Percy Alvin, "Minas Geraes and California," *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, edição especial, 1922.

Martins, Amilcar Vianna, Filho. "The White Collar Republic: Patronage and Interest Representation in Minas Gerais, Brazil, 1889-1930," Tese de Doutorado, University of Illinois, 1987.

Martins, Roberto Borges. "Growing in Silence: The Slave Economy of Nineteenth-Century Minas Gerais, Brazil," Tese de Doutorado, Vanderbilt University, 1980.

Mawe, John. *Travels in the Interior of Brazil, particularly in the Gold and Diamond Districts of that Country.* London: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1815.

_____. *A Treatise on Diamonds and Precious Stones including their History – Natural and Commercial.* London: Longman, Hurst, 1813.

_____. *Viagens ao interior do Brasil.* trad. Selena Benevides Viana. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Editora, 1978.

Maxwell, Kenneth R. *Conflicts and Conspiracies: Brazil and Portugal, 1750-1808*.
Cambridge:

Cambridge University Press, 1973.

_____. "Conflicts and Conspiracies: Brazil and Portugal, 1750-1807
(Parts I

and II)," Tese de Doutorado, Princeton University, 1970.

_____. *A devassa da devassa: a Inconfidência Mineira: Brasil-
Portugal,*

1750-1808. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Montero, Alfred P. *Shifting States in Global Markets: Subnational Industrial Policy in*

Contemporary Brazil and Spain. University Park: Pennsylvania State
University Press,

2002.

_____. "Shifting States in Uneven Markets: Political Decentralization
and

Subnational Industrial Policy in Contemporary Brazil and Spain," Tese de
Doutorado,

Columbia University, 1997.

Nielsen, Lawrence James. "Of Gentry, Peasants, and Slaves: Rural Society in
Sabara and Its

Hinterland, 1780-1930,” Tese de Doutorado, University of California, Davis, 1975.

North, Marianne. *Lembranças de uma vida feliz*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro,

2001.

_____. *A Vision of Eden: The Life and Work of Marianne North*. preface by J.P.M.

Brenan; foreword by Anthony Huxley; biographical note by Brenda E. Moon. London:

HMSO, 1980.

Penna, Ricardo Pinheiro. “Development and Population Distribution in Minas Gerais, Brazil,”

Tese de Doutorado, Cornell University, 1983.

Pohl, Johann Emanuel. *Viagem no interior do Brasil*. trad. Milton Amado e Eugênio Amado.

Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Editora, 1976.

Ramos, Donald. “A Social History of Ouro Preto: Stresses of Dynamic Urbanization in Colonial

Brazil, 1695-1726,” Tese de Doutorado, University of Florida, 1972.

_____. "Marriage and the Family in Colonial Vila Rica," *Hispanic American Historical*

Review, 55:2 (May 1975), 200-225.

Rios, Petronio Leite. "Urban - Rural Development Interrelationships in Minas Gerais, Brazil, 1940-1960," Tese de Doutorado, Iowa State University, 1969.

Russell-Wood, A. J. R. *The Black Man in Slavery and Freedom in Colonial Brazil*. New York:

St. Martin's Press, 1982.

_____. "The Gold Cycle, c. 1690-1750," em Leslie Bethell, ed. *Colonial Brazil*

(Cambridge: Cambridge University Press, 1987, 190-243.

Saint-Hilaire, Auguste de. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo*

1822. trad. rev. e prefácio de Vivaldi Moreira ; apresentação e nota de Mário G. Ferri.

Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

_____. *Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas Geraes*. trad.

Clado Ribeiro de Lessa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

_____. *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*.

Paris: Grimbert et Dorez, 1830.

Scott, H. K. "The Gold Fields of the State of Minas Gerais, Brazil," *Transactions of the*

American Institution of Mining Engineers (1902), 1-39.

Smith, Robert Chester. *The Art of Portugal, 1500-1800*. London: Weidenfeld and

Nicolson, 1968.

_____. *Congonhas do Campo*. Rio de Janeiro, AGIR, 1973.

Spix, J. B. von e C. F. P. von Martius. *Viagem pelo Brasil*. 3 v. São Paulo: Edições. 2a ed.

Melhoramentos, 1961.

Staden, Hans. *Duas viagens ao Brasil; arrojadas aventuras no século xvi entre os antropófagos*

do novo mundo ... Transcrito em alemão moderno por Carlos Fouquet e traduzido dêsse

original por Guiomar de Carvalho Franco, com uma introução e notas de Francisco de

Assis Carvalho Franco. São Paulo: Tipografia Gutenberg, 1942 [1557].

Suzannet, Conde de. *O Brasil em 1845 (semelhanças e diferenças após um século)*. trad.

Marcia de Moura Castro. Rio de Janeiro: Livraria-Editôra da Casa do Estudante

do Brasil, 1957.

Teulières, Roger. "Belo Horizonte, étude de géographie urbaine," 2 v., Thèse, Lettres,

Université de Bourdeaux, 1956.

Thiré, V. Arthur. *L'industrie de fer dans la Province de Minas Gerais*. Rio de Janeiro:

Imprimerie G. Leuzinger et Fils, 1883.

Ursel, Charles d', Comte. *Sud-Amérique: séjours et voyages au Brésil, a La Plata, au Chili,*

en Bolivie e au Pérou. Paris: E. Plon et Cie, 1879.

Warren, Jonathan Winddance. "Reimaging Indianness: Posttraditional Indians and the Politics

of Race in Brazil," Tese de Doutorado, University of California, Berkeley, 1997.

_____. *Racial Revolutions: Antiracism and Indian Resurgence in Brazil*.

Durham, NC: Duke University Press, 2001.

Weiner, Jerry T. "Afonso Pena: Minas Gerais and the Transition from Empire to Republic in

Brazil," Tese de Doutorado, City University of New York, 1980.

Wells, James W. *Exploring and Traveling Three Thousand Miles through Brazil from Rio de*

Janeiro to Maranhão. 2 v. London: S. Low, Marston, Searle, & Rivington, 1886.

_____. Fundação João Pinheiro, .

Wirth, John D. "Brazilian Economic Nationalism: Trade and Steel under Vargas," Tese de

Doutorado, Stanford University, 1966.

_____. *Minas Gerais in the Brazilian Federation, 1889-1937*. Stanford, CA: Stanford

University Press, 1977.

_____. *Minas Gerais na federação brasileira—o fiel da balança*. Rio de Janeiro:

Paz e Terra, 1982.

_____. *The Politics of Brazilian Development, 1930-1954*. Stanford: Stanford

University Press, 1970.

Quadro 1**Teses e Livros sobre a História de Minas Gerais nas Universidades Americanas e Européias**

		Teses		Livros
1940	Cardozo	Stanford University	1	
1956	Teulières	Université de Bourdeaux	1	
1964	Gauld	Stanford University	2	
1966	Wirth	Stanford University		
1970	Dickenson	University of Liverpool	6	1973 Maxwell
1970	Maxwell	Princeton University		1979 Wirth
1972	Fleischer	University of Florida		
1972	Ramos	University of Florida		
1974	Adelman	Indiana University		
1975	Nielsen	University of California, Davis		
1980	Cammack	Oxford University	8	1982 Russell-Wood
1980	Weiner	City University of New York		1989 Eakin
1981	Callaghan	University of Texas		
1981	Eakin	University of California, Los Angeles		
1982	Arroyo	Stanford University		
1982	Blasenheim	Stanford University		
1986	Hagopian	Massachusetts Institute of Technology		
1987	Higgins	Yale University		
1995	Bieber	Johns Hopkins University	5	1996 Hagopian
1997	Montero	Columbia University		1999 Bergad
1997	Warren	University of California, Berkeley		1999 Bieber
1998	Kiddy	University of New Mexico		1999 Higgins
1999	Langfur	University of Texas		

2001 Eakin

2001 Warren

2002 Montero

1940-1999: 23 teses

1973-2002: 11 livros